

# «The Forgotten City», de William Carlos Williams: memória e imaginação na (re)construção da cidade\*

There is no direction. Whither? I  
cannot say. I cannot say  
more than how. The how (the howl) only  
is at my disposal (proposal): watching –  
colder than stone.

A. João Seabra do  
Amaral

Williams Carlos Williams, *Paterson*

*To look is to transgress, but transgression is a creative game.*

Octavio Paz, *Children of the Mire*

A oposição entre natureza e urbanismo, decorrente da emergência da indústria e conseqüente proliferação da cidade, traçou o nosso destino: causou profundas transformações na paisagem e obrigou a custosas adaptações a um novo *modus vivendi*.

Definindo-se na Europa por oposição à Idade Média e ao feudalismo, na América a cidade adquire contornos culturais diferentes porque se afirma por oposição ao espaço selvagem e ao espírito de fronteira (Lehan 1998: 167). E embora se sentisse a necessidade de industrializar a América, os males capitalistas já instalados na Europa e conhecidos na América levavam a que homens como Thomas Jefferson encorajassem o trabalho da terra e apostassem numa república essencialmente agrária: "Those who labor in the earth are the chosen people of God" (Jefferson 1964: 164-65). Contudo, o processo estava já em curso, a guerra civil acelerou-o e a mudança fez-se, embora com os seus custos.

Com a forçada utilização, estruturação e transformação do espaço, o Americano perdia gradualmente a ligação à natureza. Enquanto o progresso galopante conquistava e ocupava a terra, a natureza encolhia com o repentino crescimento urbano. A

máquina a vapor, que dispensava o rio junto à fábrica, concentrava o homem rural no grande aglomerado citadino, deslocado pelo sonho e pela ambição. E a América agrária transforma-se na América urbana.

Ora, alimentados desde a fundação das colónias pelo ideal de um paraíso perdido e pelo optimismo em o recuperar, vigorizados depois pelo materialismo crescente de que fala Max Weber, os Americanos pensavam a cidade na sua pureza originária, como espaço e sentido de lugar onde habitar e viver, materialização harmoniosa de um paraíso terreno, enfim, utopia realizada. Isso mesmo se entende na expressão de John Winthrop, "we shall be as a city upon a hill", cuja dimensão física e simbólica tem alimentado a Literatura Americana. E sendo o processo de urbanização o projecto inicial e final da construção da América, desenhado e organizado à medida das necessidades humanas, a cidade, mais do que lugar para viver, emerge como processo de transformação e empreendimento do possível. E porque sonhada, projectada, construída e vivida pelos homens, a cidade ultrapassa os seus limites geográficos, demográficos e económicos para emergir como a própria experiência humana, individual e colectiva, lugar de sentimentos e emoções, dos mais encorajadores aos mais frustrantes.

Com o desenvolvimento industrial, surge uma nova realidade que opunha, não só o mecânico ao orgânico, mas especialmente o mundo urbano ao mundo natural, cuja harmonização se revela equívoca, penosa e exigente. A paisagem natural, inspiradora constante de grandes feitos, era o filtro cultural com que a América olhava em seu redor. Assim, a reconciliação residia na possibilidade do pastoralismo urbano, na combinação dos dois mundos onde natureza e progresso se associassem em benefício da comunidade, as relações entre o mundo natural e tecnológico se estreitassem e a consonância instalada entre os dois pólos fizesse surgir uma nova Jerusalém, florida, harmoniosa, feliz:

A man like a city and a woman like a flower  
 – who are in love. (Williams 1992: 7)

No entanto, a idealização da paisagem pastoril contrasta com o labirinto desconhecido que a cidade constitui. As vivências quotidianas de William Carlos Williams na sua prática médica

testemunham as consequências da transformação rápida do espaço, as dissonâncias entre as promessas originárias da América e o futuro por cumprir, a contradição entre o rural presente na imagem e valores da América no passado e a consciência e configuração urbana que a América evidencia no presente.

Em «The Forgiven City» (Williams 1976: 140-41), Williams oferece-nos a realidade experienciada, a desarmonia que paira na metrópole, o desconcerto do mundo urbano. Utilizando o monólogo interior, faz o percurso histórico entre o passado e o presente em demanda da identidade americana, numa viagem de tensões e contrastes entre o ideal e o real. Sigamo-lo.

Na descida à cidade, a paisagem natural contrária e visão jeffersoniana e surge adversa, violenta e feroz, numa imagem devastadora:

When with my mother I was coming down  
from the country the day of the hurricane,  
trees were across the road and small branches  
kept rattling on the road of the car  
There was ten feet or more of water  
making the parkways impassible with wind  
bringing more rain in sheets. Brown torrents  
gushed up through new sluices in the  
valley floor (1-9)

Marcado pelo acaso – “the day of the hurricane” –, o dia assinala um fim de inverno duro, tumultuoso, dinâmico que se prolonga na deslocação do automóvel (note-se a ausência de pontuação no verso 4), interrompendo o idílio entre máquina e natureza. Como assinala Leo Marx, “Disorder in society follows close upon disorder in nature” (Marx 1964: 51). Contudo, a descrição objectiva da paisagem de inverno liga-se à imagética subjectiva da mudança, da primavera que se avizinha - recorrente na obra de Williams -, ou seja, tornar a condição “impassible” em “passible”.

O desejo de completar a viagem e chegar à cidade, percorrendo o sul e o oeste agrário em direcção ao norte e leste industrial, configuram a cidade como imaginário de promessa – da promessa bíblica de fundação da cidade na “wilderness”:

so that I had to take what road  
I could find bearing to the south and west,  
to get back to the city. (9-11)

Ao mesmo tempo, aflora a visão de fronteira corporizada no sentido de espanto, inseparável da América:

I passed through  
extraordinary places, as vivid as any  
I ever saw where the storm had broken  
the barrier and let through (11-14)

E justamente a meio do poema, destacada pela centralidade oferecida, surge a primeira visão da cidade, em versos compactos e densos, em toda a sua dimensão social, económica e cultural:

a strange commonplace: Long, deserted avenues  
with unrecognized names at the corners and  
drunken looking people with completely  
foreign manners. (15-18)

O cenário é de vazio intenso, estranhamento, ausência de sentido e desajuste perante a complexidade moderna e opaca do urbano. Longe do optimismo de outros tempos, surgem imagens de isolamento, decadência e desumanização. O sentimento de desintegração e anonimato (lembrando *Bartleby*, de Melville) faz perder a nostalgia das origens pastoris da cidade:

Monuments, institutions  
and in one place a large body of water  
startled me with an acre or more of hot  
jets spouting up symmetrically over it. Parks. (18-21)

A urbanização, "monuments", os centros de poder "institutions" e a tecnologia "jets spouting up symmetrically", "Parks", emprestam um sentido de artificialidade, desajustamento e alienação perante a realidade moderna. Assoma o desfasamento entre os paradigmas da cidade e o sujeito poético, os labirintos citadinos por descobrir, "unrecognized names", e uma realidade complexa que resiste em revelar-se, "foreign manners", ou seja, perda de referências do lugar. Pressente-se o afastamento do seu mundo, "the country",

e a partilha no desajustamento, na solidão e no isolamento do homem citadino: "I had no idea where I was" (22).

Porém, qual Ishmael, Huck Finn ou Jay Gatsby, no alcance da sua liberdade interior, o sujeito poético tenta explorar novo território e conciliar a sua identidade com o espaço da cidade:

and promised myself  
I would some day go back to study this  
curious and industrious people who lived  
in these apartments, at these sharp  
corners and turns of intersecting avenues  
with so little apparent communication  
with an outside world. (22-28)

Intrigava-o o meio claustrofóbico, "live in these apartments", agressivo, "sharp corners" e labiríntico, "turns of intersecting avenues", mas, sobretudo, a incomunicabilidade que cobria a superfície da cidade – fruto da industrialização, da rotina e banalidade quotidiana. Adivinha-se a luta de consciência individual que pretende conhecer a realidade exterior e harmonizar a desordem circundante. É que, apesar de ser "commonplace", logo, lugar de comunhão e partilha, a cidade revela-se espaço que separa e isola e que, por outro lado, transforma os habitantes num amontoado humano, "they", onde a individualidade se apaga e a identificação com o lugar inexistente. Ora em Williams é bem diferente o conceito de cidade, expresso em *Paterson*:

(...) the city  
the man, an identity – it can't be  
otherwise – an  
interpretation, both ways. Rolling  
up! Obverse, reverse;  
the drunk the sober; the illustrious  
the gross: one. (Williams 1992: 4)

Assim, num primeiro instante, Williams, o médico, faz a anamnese, ou seja, observa, recolhe dados e sintomas, faz a história clínica da cidade. De seguida, conclui, diagnostica o mal: "so little apparent communication" para, num último momento, reforçar o diagnóstico numa pergunta que aponta já a terapia a executar:

How did they get  
cut off this way from representation in our  
newspapers and other means of publicity  
when so near the metropolis, so closely  
surrounded by the familiar and the famous? (28-32)

Na esteira de Emerson, que recorda o poema que é o espaço americano – "Yet America is a poem in our eyes; its ample geography dazzles the imagination" (Emerson 1950: 338); e de Thoreau, que desafia à análise e descoberta da imensidão interior a explorar: "be / Expert in homecosmography" (Thoreau 1983: 211), Williams aponta o material imenso que se estende ao olhar, "the familiar and the famous", a riqueza inspiradora circundante que a alienação da cidade torna opaca e que urge tornar clara, "know clearly (as through clear ice)" (Williams 1992: 20).

A interrogação final – um desafio à memória e à imaginação – obriga a uma inversão de marcha no percurso efectuado: remete para a promessa anterior, "I would some day go back" (l. 23), logo, leva-nos ao princípio do poema, ou seja, ao seu título, "The Forgotten City". E é aí, na cidade esquecida, nos subterrâneos da memória que teremos de procurar ou, como diz o poeta em *Paterson*, "Dig / a musty bone" (Williams 1992: 3).

A viagem da memória abre-se à confirmação da solidão, mas também à sede insaciável de conhecimento, à exaltação da liberdade e ao gosto pela mobilidade, tão característica do americano. A promessa de rumar ao passado na procura de sentido, de reclamar raízes, de imprimir orientação à existência, satisfaz o desejo americano de retorno à origem, como Fitzgerald tão bem traduziu em *The Great Gatsby*: "we beat on, boats against the current, born ceaselessly into the past" (Fitzgerald 1953: 182). O sentido de lugar, a história, os mitos e as esperanças são espaços de inspiração renovada. E é nos limites da memória que o ideal de possibilidade de realiza, que se buscam as raízes e suportes para um outro (re)nascer:

Memory is a kind  
of accomplishment  
a sort of renewal  
even  
an initiation, since the space it opens are new  
places

inhabited by hordes  
heretofore unrealized,  
of new kinds – (Williams 1992: 78)

Recordando a cidade como o Éden anunciado e justapondo-a à civilização moderna que contradiz essa promessa, a verdade surgirá fluida e transparente através da palavra, no confronto de mundos opostos, passado e presente, ideal e real:

The past above, the future below  
and the present pouring down: the roar,  
the roar of the present, a speech –  
is, of necessity, my sole concern . (Ibidem: 144-45)

Aí buscar-se-á uma nova visão, o sentido de lugar, uma esperança que fará (re)construir uma cidade outra, pois em Williams a redenção é possível, como em Emerson um novo começo está sempre a despontar.

O apelo que o poeta faz à memória é um convite aos meandros da imaginação, um meio de cumprir o mandamento de Pound "make it new". Perante o desconcerto do mundo, é através dela, do espaço que nos abre, que se pode escapar:

It is the imagination  
which cannot be fathomed.  
It is through this hole  
we escape . . .  
(...)  
through this hole  
at the bottom of the cavern  
of death, the imagination  
escapes intact (Ibidem: 210)

Para tanto, siga-se o seu conselho em «To a Solitary Disciple»: "notice", "observe", "grasp", "see", "observe", "observe", "observe" (Williams 1976: 31-32), pois o mundo factual aguarda a nossa atenção escrupulosa para que, mediado pela imaginação, se revele e surja outro. Sejamos, pois, leitores solitários, observadores atentos, em contacto permanente com o mundo, capazes de o olhar na sua pureza inicial para aí chegarmos a uma outra visão.





Aí reside a arte de Williams: potenciar o contacto com o local – “local is the only universal”, diz ele –, revelar a realidade experienciada e reconciliá-la com o mundo circundante. E porque é a palavra que nomeia e diz o mundo, é o idioma americano que corporiza o milagre, com o qual o poeta compõe os seus poemas. Distanciando-se da erudição de Eliot ou Pound, Williams usa a linguagem comum, os seus ritmos e sonoridades para dizer dos sonhos e conflitos, esperanças e angústias do povo americano, elevando-a a linguagem poética.

É, pois, com ela que se estabelece o contacto com o local, se recuperam as referências, a identidade, a comunhão com o outro, a harmonia no fruir do espaço. Assim se revigora a comunicação na “metropolis” entre escolhidos e deserdados, se recorda a cidade prometida, se (re)constrói a cidade já esquecida e se presentifica uma outra, harmoniosa, inclusiva, democrática, uma “new city of Friends” de que fala Walt Whitman:

I DREAM'D in a dream I saw a city invincible to the attacks of the  
whole of the rest of the earth,  
I dream'd that was the new city of Friends.  
Nothing was greater there than the quality of robust love, it led  
the rest,  
It was seen every hour in the actions of the men of that city,  
And in all their looks and words. (WHITMAN 1998: 109)

### Obras Citadas

EMERSON, Ralph Waldo (1950). «The Poet». *The Complete Essays and Other Writings*. New York: The New Library.

FITZGERALD, Scott (1953). *The Great Gatsby*. New York: Charles Scribner's Sons.

JEFFERSON, Thomas (1964). *Notes on the State of Virginia*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

KENNER, Hugh (1989). *A Homemade World – The American Modernist Writers*. Baltimore: The Johns Hopkins UP.

LEHAN, Richard (1998). *The City in Literature*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

MARX, Leo (1964). *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: OUP.

THOREAU, Henry David (1983). *Walden or Life in the Woods*. Boston: Houghton Mifflin Co.

WHITMAN, Walt (1998). «I Dream'd in a Dream». "Calamus". *Leaves of Grass*. Oxford, New York: OUP.

WILLIAMS, William Carlos (1992). *Paterson*. New York: New Directions.

———. *Selected Poems*. (1972). London, New York: Penguin Books.

\* Comunicação apresentada no 24º Congresso da APEAA, Universidade Católica, Lisboa.